

A MOTIVAÇÃO TOPONÍMICA NA ESCOLHA DOS NOMES GEOGRÁFICOS DE ORIGEM INDÍGENA DA ZONA RURAL DA REGIONAL DO BAIXO ACRE

Alexandre Melo Sousa¹
Rozangela Melo Martins²

RESUMO

A Toponímia, ciência que estuda o nome de lugares, tem se apresentado como um campo de conhecimento capaz de desvelar características físicas do ambiente e aspectos culturais da sociedade em estudo. Além disso, essa é uma ciência interdisciplinar, pelo qual, estabelece vínculos teóricos com outras ciências, como a geografia, história, arqueologia, cartografia, biologia dentre outras. Dessa forma, esse artigo tem o objetivo de apresentar o perfil toponímico indígena da zona rural da Regional do Baixo Acre, para verificar se existe um vínculo do nomeador com o nome do lugar. O *corpus* é formado por 133 topônimos coletados nos mapas oficiais do IBGE- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, com escala de 1: 100 000. Como metodologia utilizamos os estudos de Dick (1986, 1990, 1992), para catalogar, classificar e analisar os dados, para assim, encontrar a provável motivação toponímica presentes nos designativos geográficos de cunho indígena da área em estudo.

Palavras chaves: Toponímia; Nomes Indígenas; Motivação.

ABSTRACT

Toponymy, is a science that studies the name of places, has been presented as a field of knowledge capable of revealing physical characteristics of the environment and cultural aspects of the society under study. In addition, this is an interdisciplinary science, by which, establishes theoretical links with other sciences, such as geography, history, archeology, cartography, biology among others. Thus, this article aims to present the indigenous toponymic profile of the rural area of the Baixo Acre Regional, to verify if there is a link between the nominee and the name of the place. The corpus is composed of 133 toponyms collected in the official maps of the IBGE-Brazilian Institute of Geography and Statistics, with a scale of 1: 100 000. As a methodology we use Dick (1986, 1990, 1992) studies to catalog, classify and analyze The data, in order to find the probable toponymic motivation present in the geographic designations of the indigenous area of the study area.

Keywords: Toponymy; Indigenous Names; Motivation

Introdução

¹ Licenciada em Geografia (UFAC), Especialista em Psicopedagogia (Faculdade Phênix de Ciências Humanas e Sociais do Brasil), Mestra em Letras: Linguagem e Identidade (UFAC). Professora substituta de Geografia no Colégio de Aplicação (UFAC).

² Graduado em Letras, Especialista em Ensino de Língua Portuguesa, Mestre em Linguística Aplicada ao Português e Doutor em Linguística, pela Universidade Federal do Ceará. Professor adjunto da Universidade Federal do Acre. Coordena o Projeto Atlas Toponímico da Amazônia Ocidental Brasileira (Projeto ATA OB). É professor do quadro permanente do Programa de Pós-Graduação em Letras: Linguagem e Identidade (UFAC) e do Mestrado Profissional em Letras (PROFLETRAS), atuando na área de Descrição e Análise Linguística.

A nomeação de um lugar faz parte da cultura dos seres humanos. É uma necessidade de localização e orientação, mas acima de tudo uma demarcação de posse territorial, como afirma Claval (2001). Os nomes dos elementos geográficos são chamados de topônimos. Estes são signos linguísticos diferenciados, ou seja, não arbitrários, por apresentarem-se oriundo de características motivacionais.

O ato de nomear um espaço geográfico está carregado de intenções, pois não há uma escolha casual; um nome escolhido carrega marcas de seus denominadores, seja pelo desejo de representar as características físicas do ambiente ou por suas subjetividades. Desse modo, “o que era arbitrário em termos de língua, transforma-se, no ato do batismo de um lugar, em essencialmente motivado, não sendo exagero afirmar ser essa uma das principais características do topônimo” (DICK, 1992, p. 18).

Dick (1990) aponta que a toponímia brasileira é resultado de camadas de estratos de diversas populações: ameríndia, portuguesa, africana e de outros europeus que mais tarde chegaram ao Brasil. Este contato deixou fortes marcas na cultura do país.

Os estudos toponímicos apresentam-se como um poderoso instrumento para o conhecimento de aspectos sócio-histórico-culturais de um povo, assim, é possível desvendar fatos linguísticos, ideológicos, históricos, crenças e sentimentos diversos.

O propósito deste artigo é apresentar alguns resultados da pesquisa intitulada *O perfil da Toponímia Indígena na Zona Rural do Estado do Acre*, para fins de obtenção do título de mestre no Programa de Pós-Graduação em Letras: Linguagem e Identidade, da Universidade Federal do Acre. Destacamos para a discussão deste trabalho os dados da Regional Baixo Acre, especificamente os topônimos referentes aos designativos geográficos de origem física, ou seja, rios e igarapés e de ordem humana, ramais, fazendas, pequenas propriedades, seringais, dentre outros.

O *corpus* de análise é constituído por 133 topônimos de origem indígena catalogados nos mapas municipais elaborados pelo IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) disponível na escala 1: 100.000.

Como suporte teórico e metodológico, utilizamos as pesquisas de Dick (1986, 1990, 1992). Para alcançar as possíveis motivações toponímicas, recorreremos ao modelo de classificação taxionômico, proposto pela autora, onde a mesma desenvolveu 27 categorias, divididas em 11 taxionomias de natureza física e 16 de natureza antropocultural.

Localização da Toponímia

A Onomástica está inclusa nos estudos da Lexicologia e seu objeto de investigação é o nome próprio. Essa ciência possui duas ramificações: a Toponímia, que estuda o nome de lugares, e a Antroponímia, que estuda nome, sobrenome e apelido de pessoas.

Seabra (2008) conceitua o léxico como sendo o conjunto de palavras pertencentes a uma língua, tendo a capacidade de exteriorizar, por meio da nomeação, o universo mental de uma sociedade, além de ser responsável pela cristalização de conceitos que serão transmitidos de geração a geração.

Dessa forma, a Lexicologia pode ser considerada uma ciência linguística, que estuda o conjunto lexical de uma sociedade, tendo a palavra como seu objeto de estudo.

O léxico de uma língua mantém uma relação indissociável com a cultura de um povo, pois o conjunto de palavras projetam “as experiências vividas por determinado grupo sociolinguístico cultural (SOUSA, 2007, p.28).

Seabra (2008) corrobora com as ideias de Sousa afirmando que “o patrimônio lexical de uma língua constitui um arquivo que armazena e acumula as aquisições culturais representativas de uma sociedade, refletindo percepções e experiências multisseculares de um povo” (SEABRA, 2008, p. 1953). Logo, pode-se constatar que o conjunto lexical carrega informações culturais e históricas importantes de um determinado grupo social. Dentro desse conjunto, encontra-se o léxico toponímico.

A importância dos estudos toponímicos

O ato de nomeação de lugares é um costume antigo da humanidade. É utilizado para suprir necessidades de orientar-se num dado espaço e de garantir posse de um território. Dick (1990) afirma que o nome concede características ao espaço e garante a posse de quem o nomeou.

Nesse sentido, percebe-se que uma simples palavra, o nome, pode ser utilizado como um poderoso instrumento de dominação, pois sua escolha pode expressar uma ideologia de um determinado grupo social e apagar outras de um grupo subjugado.

Assim, o nome de um lugar, quando pronunciado ou quando visualizado nos mapas, nas placas de ruas, nas fachadas de prédios, não devem ser tratados como um

dado natural, pois ele é fruto da ação do homem e carrega uma história, possuindo uma significativa carga cultural. Dick (1990) refere-se aos topônimos (nomes próprios de lugares) como “verdadeiros testemunhos históricos de fatos e ocorrências registradas nos mais diversos momentos da vida de uma população” (DICK, 1990, p.22). Sendo o topônimo um resultado da cultura:

[...] nos fornece valiosas informações: i) aponta a origem histórica de povos antigos e a localização, com precisão de sítios desaparecidos; ii) oferece descrições preciosas de relevos, apontando paisagens que já tenham desaparecido em decorrência da ação antrópica ou da natureza; iii) indica a localização de nomes de rochas, estruturas do solo, locais antigamente minerados; iv) aponta um amplo corpus de nomes de lugares que se refere à fauna atual ou desaparecida; v) fornece conhecimento sobre a vida religiosa, agrícola, etnológica, dentre muitos outros dados (SEABRA; SANTOS, 2012, p. 246).

Os estudos toponímicos podem apresentar-se como valiosa ferramenta de conhecimento por “refletir de perto a vivência do homem, enquanto entidade individual e enquanto membro do grupo que o acolhe, nada mais é que reconhecer o papel por ela desenvolvido no ordenamento dos fatos cognitivos” (DICK, 1990, p. 19).

Percurso histórico da Toponímia

A história da Toponímia, como disciplina científica, iniciou-se por volta de 1878, na França, onde foi introduzida na École Pratique des Hautes-Études e no colégio da França, por Auguste Longon. Em 1938, Dauzat organiza o primeiro dos muitos congressos sobre Toponímia, em vários lugares do mundo (DICK, 1992).

No Brasil, Theodoro Sampaio e Levy Cardoso inauguraram os estudos toponímicos, com a publicação das respectivas obras: Tupi na Geografia Nacional (1901) e Toponímia Brasília (1960). Ambos seguindo uma perspectiva etimológica indígena tupi.

Segundo Andrade (2010), em 1944, a Toponímia foi inserida na Universidade de São Paulo, na cadeia de Etnografia e Língua Tupi. Assim, Carlos Drummond e Maria Vicentina de Paula do Amaral Dick dão continuidade e aprofundam a pesquisa.

Em sua tese de doutoramento, orientada por Carlos Drummond, Dick apresenta princípios teóricos e um modelo taxionômico que fortalecem as pesquisas sobre

toponímia no Brasil. A partir daí, várias pesquisas foram e continuam sendo desenvolvidas, pautadas nos princípios da referida autora.

Aspectos metodológicos da Toponímia

A Toponímia é uma ciência interdisciplinar. Para que o pesquisador alcance seus objetivos, é necessário a interseção de informações de outras ciências, como a história, a geografia, a antropologia, arqueologia, a biologia, a cartografia, dentre outras.

O signo toponímico (nome de lugar) é um signo que se difere do signo linguístico, pelo seu caráter motivacional, ou seja, “[...] o que era arbitrário, em termos de língua, transforma-se no ato do batismo de um lugar em essencialmente motivado, não sendo exagero afirmar ser essa uma das principais características do topônimo (DICK, 1990, p. 38).

Dick (1990) refere-se a dois aspectos da motivação de um topônimo: observado em dois momentos, na intenção de quem nomeia um lugar e na própria origem semântica da palavra.

Por esse motivo, “o estudo dos topônimos permite verificar a organização de uma região, pois as condições ambientais e sociais refletem-se na língua, principalmente no léxico e, conseqüentemente, na Toponímia” (SOUSA, 2007, p. 29).

A estrutura de um topônimo é formada por duas partes: o termo genérico ou entidade geográfica e termo específico, que é o próprio topônimo. Dick afirma que:

Ao designar, tradicionalmente, o nome próprio de lugar, o topônimo, em sua formalização na nomenclatura onomástica, liga-se ao acidente geográfico que identifica, com ele constituindo um conjunto ou uma relação binômica, que se pode sectionar para melhor se distinguirem os seus termos formadores (DICK, 1990, p. 10).

Para melhor compreensão, será utilizado um exemplo presente no *corpus* desta pesquisa, que ilustra a estrutura de um topônimo:

Exemplo: Igarapé Caipora

Igarapé: Termo genérico

Caipora: Termo específico (topônimo propriamente dito)

TROPOS: COMUNICAÇÃO, SOCIEDADE E CULTURA

Com relação ao sintagma toponímico, é importante afirmar que sua formação, de acordo com Dick (1992), pode ser justaposta (Igarapé Caipora) ou aglutinada (Paraúna, rio negro).

Com base em Dick (1992), morfologicamente os topônimos dividem-se em:

- a) Elemento simples: constituído por um só termo formador, podendo apresentar-se acompanhado de sufixações, como, por exemplo: Lajeado (TO).
- b) Elemento composto: possui mais de um elemento formador, exemplo: Apertado do Morro (BA).
- c) Elemento híbrido: formado por diversas línguas, como exemplo temos: Marabá Paulista (SP).

Como foi possível observar, Dick forneceu valiosas contribuições para o firmamento teórico e metodológico da Toponímia no Brasil. Uma das principais ferramentas de pesquisa desenvolvida por essa autora, foi o chamado modelo de classificação taxionômico composto por 27 taxes, onde é levada em conta a motivação dos nomes geográficos.

A autora dividiu o modelo de classificação em duas bipartições, uma de natureza física e a outra de natureza antropocultural. Assim, “é estabelecido, através de uma terminologia técnica composta de elemento “topônimo”, antecedido de um outro elemento genérico, “definidor” das respectivas classes onomásticas” (DICK, 1986, p.33). No quadro a seguir, será apresentada a nomenclatura das taxes, distribuída nas bipartições de natureza física e antropocultural.

Quadro 01: Nomenclatura de classificação toponímica.

TAXIONOMIAS TOPONÍMICA	
Natureza Física	Natureza Antropocultural
Astrotopônimos: topônimos relativos aos corpos celestes em geral	Animotopônimos: topônimos relativos à vida psíquica, à cultura espiritual.
Cardinotopônimos: topônimos relativos às posições geográficas em geral.	Antropotopônimos: topônimos relativos aos nomes próprios individuais.
Cromotopônimos: topônimos relativos à escala cromática.	Axiotopônimos: topônimos relativos aos títulos e dignidades de que se fazem acompanhar os nomes próprios individuais.
Dimensiotopônimos: topônimos relativos às características dimensionais dos acidentes geográficos, como extensão, comprimento, largura, grossura, espessura, altura, profundidade.	Corotopônimos: topônimos relativos aos nomes de cidades, países, estados, regiões e continentes.
Fitotopônimos: topônimos de índole vegetal.	Cronotopônimos: topônimos que encerram indicadores cronológicos, representados, em Toponímia, pelos adjetivos novo/nova/

TROPOS: COMUNICAÇÃO, SOCIEDADE E CULTURA

	velho/velha.
Geomorfotopônimos: topônimos relativos às formas topográficas.	Dirrematotopônimos: topônimos constituídos por frases ou enunciados linguísticos.
Hidrotopônimos: topônimos resultantes de acidentes hidrográficos em geral.	Ecotopônimos: topônimos relativos às habitações de um modo geral.
Litotopônimos: topônimos de índole mineral, relativos à constituição do solo, representados por indivíduos	Ergotopônimos: topônimos relativos aos elementos da cultura material.
Meteorotopônimos: topônimos relativos a fenômenos atmosféricos.	Etnotopônimos: topônimos referentes aos elementos étnicos, isolados ou não (povos, tribos, castas).
Morfotopônimos: topônimos que refletem o sentido de forma geométrica.	Hierotopônimos: topônimos relativos aos nomes sagrados de diferentes crenças: cristã, hebraica, maometana, etc. É subdividida em: a) hagiotopônimos: topônimos relativos aos santos e santas do hagiológico romano. b) Mitotopônimos: topônimos relativos às entidades mitológicas.
Zootopônimos: topônimos de índole animal,	Historiotopônimos: topônimos relativos aos movimentos de cunho histórico-social e aos seus membros, assim como às datas correspondentes.
	Hodotopônimos: topônimos relativos às vias de comunicação rural ou urbana.
	Numerotopônimos: topônimos relativos aos adjetivos numerais.
	Poliotopônimos: topônimos constituídos pelos vocábulos vila, aldeia, cidade, povoação, arraial.
	Sociotopônimos: topônimos relativos às atividades profissionais aos locais de trabalho e aos pontos de encontro dos membros de uma comunidade (largo, pátio, praça).
	Somatotopônimos: topônimos empregados em relação metafórica a partes do corpo humano ou do animal.

Fonte: Dick (1986).

O modelo de taxionomia criado por Dick (1986) apresenta a adoção de um prefixo greco-latino, que tem como característica conceituar, juntamente com o termo topônimo como prefixo. Seguindo esse modelo original, alguns pesquisadores criaram novas taxas por necessidade de classificar topônimos que não se encaixam na classificação proposta por Dick.

Apresentação e análise dos dados

A pesquisa, como já citado anteriormente, é formada por 133 topônimos, concernentes aos elementos geográficos físicos e humanos da zona rural da Regional Baixo Acre no estado do Acre, coletados nos mapas municipais do IBGE com escala de

TROPOS: COMUNICAÇÃO, SOCIEDADE E CULTURA

1:100 000. A Regional do Baixo Acre é formada pelos municípios: Acrelândia, Bujari, Capixaba, Porto Acre, Plácido de Castro, Rio Branco e Senador Guiomard.

Por meio dos dados coletados, pudemos analisar a classificação taxionômica, origem da língua e a predominância dos topônimos em relação às taxas de natureza física ou antropocultural. O quadro a seguir apresenta os dados pesquisados e organizados por município, elemento geográfico, topônimo, origem da língua e classificação taxionômica.

Quadro 2: Apresentação dos dados.

Município	Elemento geográfico	Topônimo	Língua de Origem	Classificação Taxionômica
Senador Guiomard	Igarapé	Aquidabã	Tupi	Etnotopônimo
Senador Guiomard	Igarapé	Arapuca	Tupi	Ergotopônimo
Rio Branco	Igarapé	Caipora	Tupi	Mitotopônimo
Capixaba	Igarapé	Cajarana	Tupi	Fitotopônimo
Capixaba	Igarapé	Cajazeira	Tupi	Fitotopônimo
Bujari	Igarapé	Cajueiro	Tupi	Fitotopônimo
Senador Guiomard	Igarapé	Cambaré	Tupi	Fitotopônimo
Plácido de Castro	Igarapé	Catuaba	Tupi	Fitotopônimo
Rio Branco	Igarapé	Coriré	Não ident.	Sem classificação
Capixaba	Igarapé	Curipati	Tupi	Fitotopônimo
Bujari	Igarapé	Curitiba	Tupi	Corotopônimo
Rio Branco	Igarapé	Curitiba	Tupi	Corotopônimo
Capixaba	Igarapé	Curupaty	Tupi	Fitotopônimo
Rio Branco	Igarapé	Da Maloca	Tupi	Ecotopônimo
Senador Guiomard	Igarapé	Girau	Tupi	Ergotopônimo
Rio Branco	Igarapé	Iguatu	Tupi	Hidrotopônimo
Porto Acre	Igarapé	Ipê	Tupi	Fitotopônimo
Bujari	Igarapé	Ipê	Tupi	Fitotopônimo
Rio Branco	Igarapé	Jaguarão	Tupi	Zootopônimo
Rio Branco	Igarapé	Jatobá	Tupi	Fitotopônimo
Plácido de Castro	Igarapé	Jatobá	Tupi	Fitotopônimo
Acrelândia	Igarapé	Javari	Tupi	Fitotopônimo
Rio Branco	Igarapé	Jiqui	Tupi	Ergotopônimo
Plácido de Castro	Igarapé	Macauã	Tupi	Zootopônimo
Rio Branco	Igarapé	Mambuca	Tupi	Zootopônimo
Bujari	Igarapé	Mapinguari	Tupi	Mitotopônimo
Rio Branco	Igarapé	Mapinguari	Tupi	Mitotopônimo
Senador Guiomard	Igarapé	Mocó	Tupi	Zootopônimo
Porto Acre	Igarapé	Mutum	Tupi	Zootopônimo
Bujari	Igarapé	Patu	Tupi	Zootopônimo
Capixaba	Igarapé	Peba	Tupi	Zootopônimo
Senador Guiomard	Igarapé	Piarrá	Tupi	Etnotopônimo
Plácido de Castro	Igarapé	Piarrã	Tupi	Etnotopônimo
Senador Guiomard	Igarapé	Piratini	Tupi	Zootopônimo
Bujari	Igarapé	Putiú	Tupi	Animotopônimo
Plácido de Castro	Igarapé	Rapirrã	Não ident.	Sem classificação
Rio Branco	Igarapé	Sagui	Tupi	Zootopônimo
Rio Branco	Igarapé	Saituba	Tupi	Zootopônimo
Senador Guiomard	Igarapé	Samaúma	Tupi	Fitotopônimo
Senador Guiomard	Igarapé	Sapetiba	Tupi	Fitotopônimo

TROPOS: COMUNICAÇÃO, SOCIEDADE E CULTURA

Rio Branco	Igarapé	Taboca	Tupi	Fitotopônimo
Bujari	Igarapé	Tabocal	Tupi	Fitotopônimo
Senador Guiomard	Igarapé	Tambaqui	Tupi	Zootopônimo
Plácido de Castro	Igarapé	Tiquerirã	Não ident.	Sem classificação
Rio Branco	Igarapé	Tiriva	Tupi	Zootopônimo
Rio Branco	Igarapé	Tracajá	Tupi	Zootopônimo
Bujari	Igarapé	Tracoá	Tupi	Zootopônimo
Porto Acre	Rio	Acre	Aruaco	Hidrotopônimo
Rio Branco	Rio	Acre	Aruaco	Hidrotopônimo
Bujari	Rio	Antimari	Quêchua+Tupi	Sociotopônimo
Rio Branco	Rio	Antimari	Quêchua+Tupi	Sociotopônimo
Capixaba	Rio	Iquiri	Tupi	Hidrotopônimo
Plácido de Castro	Rio	Iquiri	Tupi	Hidrotopônimo
Senador Guiomard	Rio	Iquiri	Tupi	Hidrotopônimo
Plácido de Castro	Rio	Abunã	Tupi	Hierotopônimo
Bujari	Rio	Riozinho do Andirá	Tupi	Hidrotopônimo
Rio Branco	Rio	Riozinho do Andirá	Tupi	Hidrotopônimo
Capixaba	Rio	Xipamanu	Não ident.	Sem classificação
Rio Branco	Ramal	Caipora	Tupi	Mitotopônimo
Rio Branco	Ramal	Cajazeira	Tupi	Fitotopônimo
Rio Branco	Ramal	Da Pupunha	Tupi	Fitotopônimo
Rio Branco	Estrada	Do Amapá	Caribe	Corotopônimo
Rio Branco	Ramal	Do Antimari	Tupi	Sociotopônimo
Rio Branco	Ramal	Do Jacaré	Tupi	Zootopônimo
Rio Branco	Ramal	Do Jarinal	Tupi	Fitotopônimo
Rio Branco	Fazenda	Humaitá	Tupi	Zootopônimo
Rio Branco	Ramal	Japim	Tupi	Zootopônimo
Rio Branco	Ramal	Mutum	Tupi	Zootopônimo
Rio Branco	Fazenda	Mutum	Tupi	Zootopônimo
Rio Branco	Ramal	Pirangi	Tupi	Zootopônimo
Rio Branco	Ramal	Pitangueira	Tupi	Fitotopônimo
Rio Branco	Ramal	Samaúma	Tupi	Fitotopônimo
Rio Branco	Ramal	Saracura	Tupi	Zootopônimo
Rio Branco	Ramal	Tucumã	Tupi	Fitotopônimo
Senador Guiomard	Fazenda	Arara	Tupi	Zootopônimo
Senador Guiomard	Fazenda	Camburí	Tupi	Zootopônimo
Senador Guiomard	Colocação	Caruaru	Tupi	Corotopônimo
Senador Guiomard	Ramal	Guarani	Tupi	Etnotopônimo
Senador Guiomard	Fazenda	Guarujá	Tupi	Corotopônimo
Senador Guiomard	Colocação	Humaitá	Tupi	Zootopônimo
Senador Guiomard	Fazenda	Ipê	Tupi	Fitotopônimo
Senador Guiomard	Fazenda	Iquiri	Tupi	Hidrotopônimo
Senador Guiomard	Colônia	Piratini	Tupi	Zootopônimo
Senador Guiomard	Seringal	Samaúma	Tupi	Fitotopônimo
Senador Guiomard	Colocação	Sapucaia	Tupi	Fitotopônimo
Capixaba	Ramal	Buriti	Tupi	Fitotopônimo
Capixaba	Colônia	Caacupe	Tupi	Fitotopônimo
Capixaba	Seringal	Capatará	Não identif.	Sem classificação
Capixaba	Ramal	Do Traíra	Tupi	Zootopônimo
Capixaba	Fazenda	Guarany	Tupi	Etnotopônimo
Capixaba	Colônia	Itamarati	Tupi	Litotopônimo
Capixaba	Colônia	Itapuan	Tupi	Litotopônimo
Capixaba	Ramal	Itu	Tupi	Hidrotopônimo
Capixaba	Seringal	Itu	Tupi	Hidrotopônimo

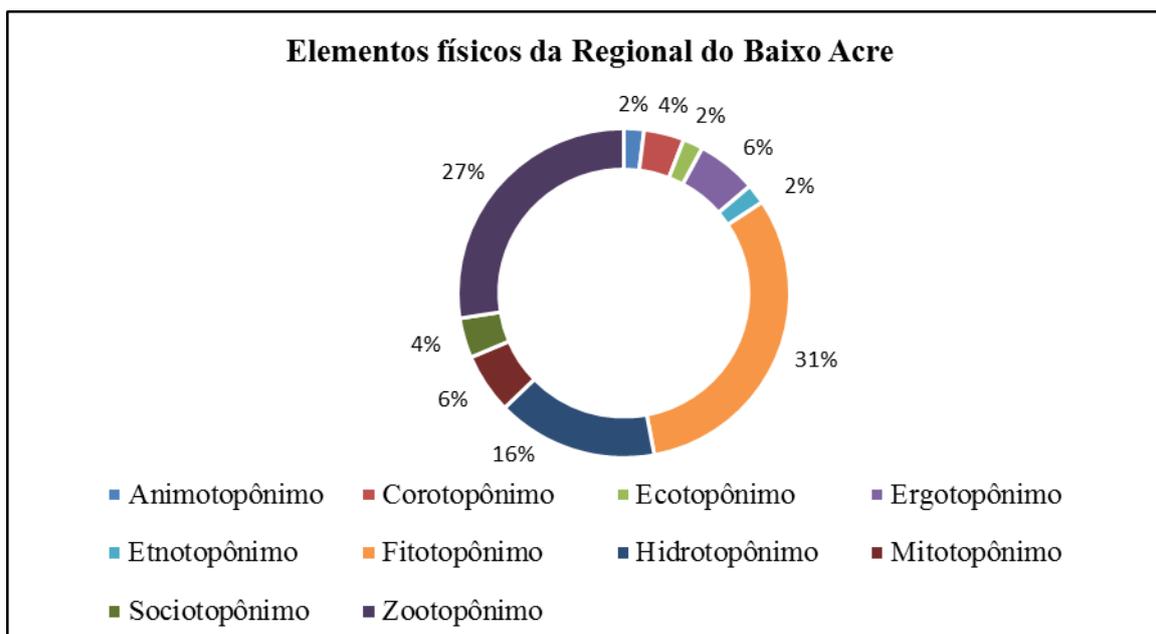
TROPOS: COMUNICAÇÃO, SOCIEDADE E CULTURA

Capixaba	Ramal	Jarina	Tupi	Fitotopônimo
Capixaba	Colônia	Paraná	Tupi	Hidrotopônimo
Porto Acre	Ramal	Açaí	Tupi	Fitotopônimo
Porto Acre	Ramal	Capixaba	Tupi	Etnotopônimo
Porto Acre	Ramal	Do Bujari	Tupi	Fitotopônimo
Porto Acre	Ramal	Mutum	Tupi	Zootopônimo
Porto Acre	Fazenda	Mutum	Tupi	Zootopônimo
Porto Acre	Fazenda	Paraíba	Tupi	Corotopônimo
Porto Acre	Seringal	Humaitá	Tupi	Zootopônimo
Bujari	Ramal	Bujari	Tupi	Fitotopônimo
Bujari	Fazenda	Campos e Iguatu	Tupi	Fitotopônimo
Bujari	Ramal	Copaíba	Tupi	Fitotopônimo
Bujari	Ramal	Do Saracura	Tupi	Zootopônimo
Bujari	Fazenda	Ibiapaba	Tupi	Litotopônimo
Bujari	Fazenda	Ipanema	Tupi	Hidrotopônimo
Bujari	Fazenda	Itaipu	Tupi	Litotopônimo
Bujari	Fazenda	Itaituba	Tupi	Litotopônimo
Bujari	Fazenda	Jaraguá	Tupi	Geomorfotopônimo
Bujari	Fazenda	Juruá	Tupi	Hidrotopônimo
Bujari	Ramal	Jurupari	Tupi	Mitotopônimo
Bujari	Colônia	Pacú	Tupi	Zootopônimo
Bujari	Ramal	Porangaba	Tupi	Fitotopônimo
Bujari	Ramal	Samaúma	Tupi	Fitotopônimo
Bujari	Fazenda	Taboquinha	Tupi	Fitotopônimo
Bujari	Fazenda	Taquari	Tupi	Fitotopônimo
Bujari	Fazenda	Uberaba	Tupi	Corotopônimo
Plácido de Castro	Ramal	Apuí	Tupi	Fitotopônimo
Plácido de Castro	Colocação	Cajueiro	Tupi	Fitotopônimo
Plácido de Castro	Colocação	Cuiabá	Tupi	Corotopônimo
Plácido de Castro	Colocação	Cumarú	Tupi	Fitotopônimo
Plácido de Castro	Colocação	Jarina	Tupi	Fitotopônimo
Plácido de Castro	Colocação	Macuripé	Tupi	Hidrotopônimo
Plácido de Castro	Colocação	Maloca	Tupi	Ecotopônimo
Plácido de Castro	Colocação	Mucura	Tupi	Zootopônimo
Plácido de Castro	Ramal	Samaúma	Tupi	Fitotopônimo
Plácido de Castro	Colocação	Saruê	Tupi	Zootopônimo
Plácido de Castro	Colocação	Sororoca	Tupi	Zootopônimo
Plácido de Castro	Colocação	Timbaúba	Tupi	Fitotopônimo
Acrelândia	Colocação	Cumarú	Tupi	Fitotopônimo
Acrelândia	Fazenda	Piratininga	Tupi	Zootopônimo
Acrelândia	Colocação	Sorocaba	Tupi	Ergotopônimo

Quanto à classificação taxionômica

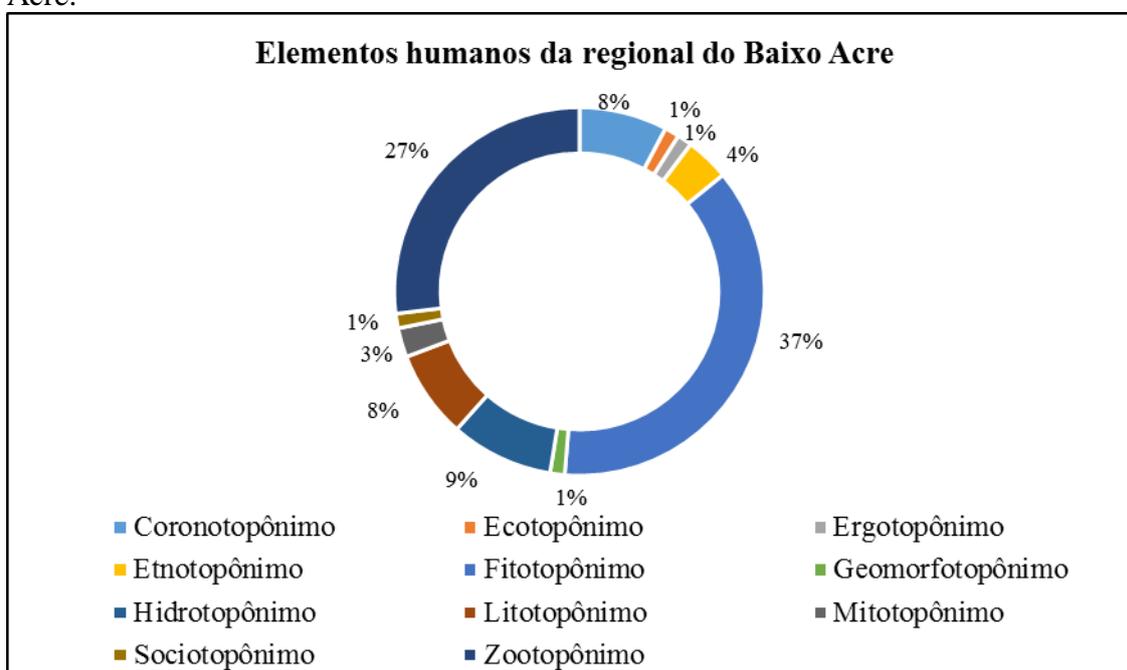
Com relação à classificação taxionômica, verificamos o predomínio de algumas taxes, conforme o gráfico 01 e 02.

Gráfico 01: Percentuais taxionômicos dos elementos físicos da Regional do Baixo Acre.



Fonte: Autoria própria.

Gráfico 02: Percentuais taxionômicos dos elementos humanos da Regional do Baixo Acre.



Fonte: Autoria própria.

Os fitotopônimos aparecem como a taxionomia mais recorrente nos elementos geográficos físicos, com 31% do total dos elementos físicos, seguido dos zootopônimos com o percentual de 27% e os hidrotopônimos com o percentual de 16%, conforme gráfico 01. Nos

elementos geográficos humanos, por sua vez, os fitotopônimos (37%), zootopônimos (27%) e hidrotopônimos (9%) apresentaram ocorrência quantitativa superior às demais taxes.

Ao fazer um estudo sobre a vegetação da área em estudo, é possível justificar a predominância das referidas taxes, pois, o estado do Acre faz parte da floresta Amazônica, rica em diversidade animal e vegetal.

As espécies vegetais que nomeiam os designativos geográficos, chamados de fitotopônimos, são: Cajarana, Cajazeira, Cajueiro, Cambaré, Catuaba, Curipati, Curupaty, Ipê (2 vezes), Jatobá (2 ocorrências), Javari, Samaúma, Sapetiba Taboca e Tabocal, nos elementos físicos; e Açaí, Apuí, Bujari (2 ocorrências), Buriti, Caacupe, Cajazeira, Cajueiro, Campos e Iguatu, Pupunha, Copaíba, Cumaru (2 ocorrências), Ipê (3 ocorrências), Jarina, Jarinal, Pitangueira, Porangaba, Samaúma (4 ocorrências), Sapucaia, Taboquinha, Taquari, Timbaúba e Tucumã, nos elementos geográficos humanos.

Os zootopônimos, encontrados no levantamento de dados dessa pesquisa, são: Jaguarão, Macauã, Mambuca, Mocó, Mutum, Patu, Peba, Piratini, Sagui, Saituba, Tambaqui, Tracajá Tracoá e Tiriva, nos elementos geográficos físicos; e nos elementos geográficos humanos, são: Arara, Camburí, Humaitá (3), Japim, Jacaré, Mucura, Mutum (4), Pacú, Pirangi, Piratininga, Piratini, Saracura, Saruê, Sororoca e Traíra.

A terceira taxe mais recorrente nos topônimos de procedência indígena na Regional do Baixo Acre, tanto nos elementos físicos, quanto nos humanos, são: Iguatu, Riozinho do Andirá (2 ocorrências), Acre e Iquiri (3 ocorrências); e Ipanema, Iquiri, Itu (2), Juruá, Macuripé e Paraná.

Quanto à origem da língua

Ao fazer o estudo etimológico dos topônimos indígenas encontrado no *corpus* desta pesquisa, foi observada a presença marcante do Tupi. Porém, os indígenas que viveram e vivem atualmente na região acreana não pertencem a esse tronco linguístico, fato que chamou a atenção. Em busca de possíveis respostas para a problemática encontrada no decorrer da pesquisa, foi necessário recorrer a fatos históricos, como orienta Dick (1990).

Sabe-se que o Tupi foi a primeira língua que os colonizadores tiveram contato ao chegar no litoral brasileiro. Dessa forma, os invasores assimilaram, modificaram e

expandiram o uso do Tupi para outros indígenas e também para não índios, “foi a língua predominante nos contatos dos portugueses e índios nos séculos XVI e XVII e tornou-se a língua dos bandeirantes no Sul e da ocupação da Amazônia no Norte” (RODRIGUES, 2002, p.21).

Segundo Navarro (2013), a modificação do Tupi, pelos jesuítas nas escolas do Brasil colonial, transformou-a em língua geral do Norte (nheengatu) e em língua geral do Sul, falada pelos bandeirantes.

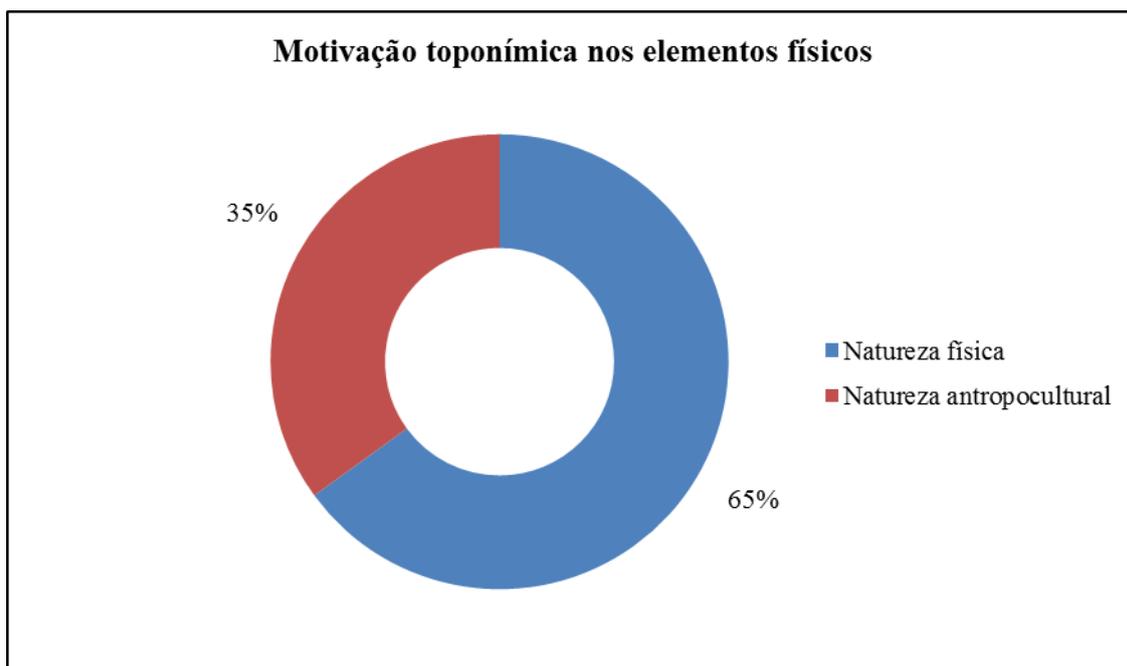
Esse contato resultou na inserção do léxico originado do Tupi antigo na onomástica brasileira. Muitas dessas palavras nomeiam a flora, a fauna e os lugares. Este fato, conforme Rodrigues (2002), explicaria o aparecimento de topônimos indígenas pertencentes a essa língua em lugares em que os grupos indígenas do tronco Tupi nunca viveram, como no caso da Regional do Baixo Acre e de forma geral, em todo o Acre.

A hipótese levantada nesta pesquisa é que os topônimos indígenas de origem Tupi tenham migrado de outras regiões do Brasil, no período histórico em que o lugar, que hoje denomina-se Acre, sofreu uma forte colonização por parte dos exploradores do látex da borracha, que naquele momento representava uma das atividades econômicas mais lucrativas para os capitalistas.

Predominância dos topônimos em relação as taxes de natureza física ou antropocultural

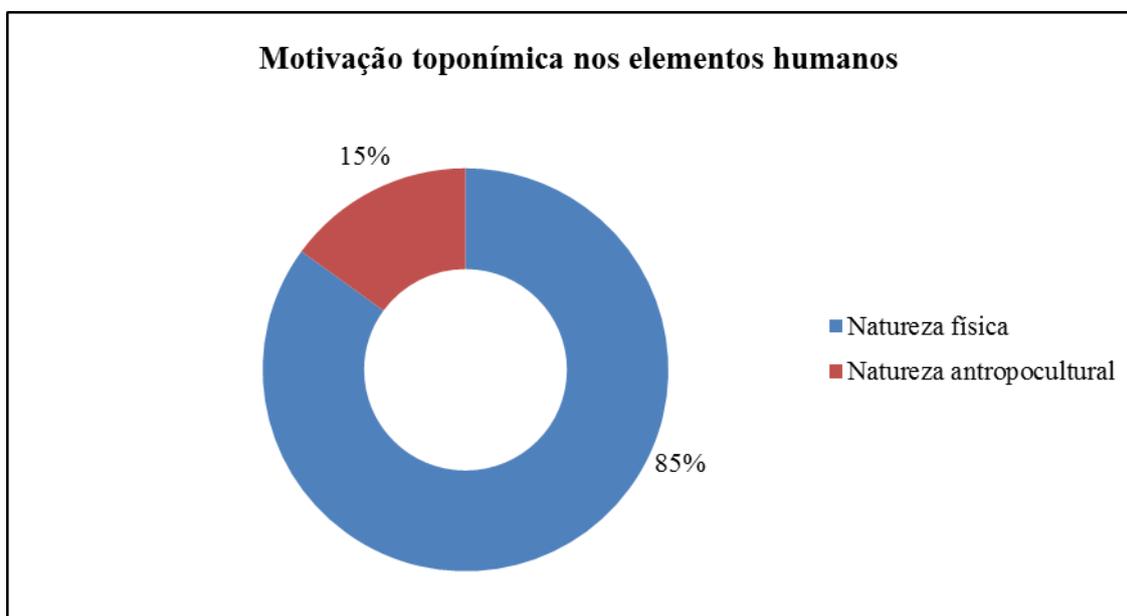
Quanto ao predomínio das bipartições de natureza física e antropocultural, foi possível verificar que as taxes de natureza física exerceram maior influência no denominador no ato do batismo do lugar, nos elementos geográficos de origem natural e humanos, como mostram os gráficos a seguir:

Gráfico 03: Percentuais das motivações nos elementos físicos.



Fonte: Autoria própria.

Gráfico 04: Percentuais das motivações nos elementos humanos.



Fonte: Autoria própria.

A preponderância das taxes de natureza física confirma o que tem mostrado as pesquisas toponímicas indígenas, ou seja, uma ligação do nome indígena com o ambiente natural. No caso da Regional do Baixo Acre, as taxes predominantes, como já

mencionado, foram as taxes que nomeiam a flora, a fauna e os caminhos hidrográficos, motivações que demonstram a importância do meio físico para esses nomeadores.

Considerações finais

O presente artigo teve como objetivo traçar o perfil toponímico de origem indígena da Zona Rural da Regional do Baixo Acre, localizada no estado do Acre, levando em conta os elementos geográficos físicos (rios e igarapés) e humanos (ramais, fazendas, colônias, seringais, estradas e colocações).

Para isso, realizamos primeiramente uma discussão a respeito da localização da toponímia enquanto ramo de conhecimento; em segundo lugar, tratamos da importância dos estudos toponímicos para uma comunidade; depois, de forma breve, traçamos seu histórico; em seguida, tratamos assuntos de grande relevância para o entendimento da metodologia do estudo. Por último, fizemos a exposição e análise dos dados estudados nesta pesquisa.

Como já mencionado, utilizamos como suporte teórico metodológico as pesquisas de Dick (1986, 1990, 1992), em que a autora, propôs um modelo taxionômico composto por 27 taxes, divididas nas bipartições de natureza físicas e antropoculturais, com intuito de apresentar as principais motivações do denominador no momento do batismo de um lugar.

Após a pesquisa, foi possível fazer as seguintes considerações: a maior recorrência dos fitotopônimos, zootopônimos e hidrotopônimos, isso explica que a flora, a fauna e a hidrografia representam as principais motivações dos denominadores; verificamos também, a presença intensa do tupi nos designativos geográficos, o que nos leva a acreditar que esses nomes foram trazidos pelos colonizadores dessa região; e por último, a predominância das taxes de natureza físicas em detrimento das taxes de natureza antropocultural, confirmando que os nomes indígenas, em sua maioria, retratam as características do ambiente, pois existe uma forte ligação entre quem nomeia um lugar e o meio que o cerca.

Referências bibliográficas

ANDRADE, K. S. **Atlas toponímico de origem indígena do estado de Tocantins**. Editora da PUC Goiás, 2010.

DICK, M. V. P. A. **Toponímia e Antroponímia no Brasil**. Coletânea de Estudos. São Paulo: Serviço de Artes Gráficas/FFLCH/USP, 1986.

_____. **Toponímia e Antroponímia no Brasil**. Coletânea de Estudos. São Paulo: FFLCH/USP, 1992.

_____. **A motivação toponímica e a realidade brasileira**. São Paulo, Arquivo do Estado, 1990.

NAVARRO, E. A. **Dicionário de tupi antigo: a língua indígena clássica do Brasil**. São Paulo. Global. 2013.

RODRIGUES, Aryon Dall'Igna. **Línguas Brasileiras: para o conhecimento das línguas indígenas**. 4a. edição. Edições Loyola, 2002.

SEABRA, M. C. T. C. de. **Referência e onomástica**, 2008. Disponível em: <http://www.filologia.org.br/ileel/artigos/artigo_442.pdf>. Acesso em: 14 janeiro 2016.

SEABRA, M. C. T Costa de; SANTOS, M. M. Duarte dos. Toponímia de Minas Gerais em registros cartográficos históricos. In: Aparecida Negri Isquerdo; Maria Cândida Trindade Costa de Seabra. (Org.). **As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia**. Volume VI. 1ª ed. Campo Grande: UFMS, 2012, v. VI.

SOUSA, A. M. **Desbravando a Amazônia ocidental brasileira: estudo toponímico de acidentes geográficos humanos e físicos do Acre**. Tese de Doutorado: Universidade Federal do Ceará/UFC, 2007.